

SAÚDE

Diversos estudos apontam que, nas ruas, crianças e adolescentes estão expostos a uma série de fatores de risco, tais como a ausência de um abrigo seguro, a difícil manutenção de hábitos de alimentação e higiene adequados, o trabalho infantil, o uso de drogas e a prática sexual como estratégia de sobrevivência. Esses elementos impactam diretamente em sua saúde e as consequências de viver na rua podem manifestar-se através de doenças, da dependência química, da má nutrição, da morte prematura, entre tantos outros (MORAIS et al., 2010). Os sentimentos de imunidade e onipotência, comuns na adolescência, podem contribuir para que eles se exponham ainda mais a riscos e a relações sexuais sem o uso de preservativos, aumentando significativamente suas chances de exposição às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e a AIDS. A falta de informações e a dificuldade de processá-las de maneira adequada, aliadas ao precário acesso aos serviços de saúde contribuem para o agravamento deste cenário (SCHWONKE; FONSECA; GOMES, 2009).

Contudo, pesquisas também indicam que as ruas podem oferecer fatores de proteção e a saída de casa pode significar a tentativa de construção de uma “estratégia saudável” diante de ambientes familiares extremamente pobres e violentos. Analisar esses elementos pode contribuir para uma compreensão mais abrangente e realista do desenvolvimento humano (MORAIS, 2005; LIMA, 2014). A má alimentação, por exemplo, que interfere diretamente nos processos de saúde-doença, faz parte do cotidiano de um grande número de famílias e isso acaba impulsionando parte das crianças e adolescentes para as ruas em busca de sustento para si e seus familiares (AMPURO; ALCES; CÁRDENAS, 2004). Além disso, a ida para as ruas pode ser vista também como uma forma de escapar de fatores ambientais e psíquicos que causam danos físicos e psicológicos, mesmo que de forma inconsciente, conformando uma escolha criativa na busca por saúde mental (BOTELHO et al., 2008).

Sobre a promoção de saúde para crianças e adolescentes em situação de rua, alguns autores destacam que a construção de estratégias de atendimento em rede e em espaços que permitam a educação e a criação de novos vínculos parece ser a estratégia desejada, muito embora os desafios para o atendimento desta população ainda persistam. Exemplos disso são a dificuldade de acesso aos serviços pela ausência de um adulto responsável ou de um endereço fixo, a falta de rotina e as condições precárias em que vivem. Assim, alguns autores enfatizam a necessidade de adequação do atendimento ofertado a esta população (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2006). Recomendações como a realização de escutas atenciosas e a valorização daqueles em situação de rua são indicadas como capazes de contribuir para a promoção de saúde, uma vez que permitem a identificação do contexto cultural dos participantes, facilitam o planejamento de métodos de intervenção adequados e despertam nos jovens o interesse de alertar seus pares sobre as questões abordadas (LUNA, 2011).